

## CLARICE LISPECTOR E LEA GOLDBERG: MULHERES, IMIGRANTES E JUDIAS

### *CLARICE LISPECTOR AND LEA GOLDBERG: WOMEN, IMMIGRANTS AND JEWS*

Débora Chaimovicht<sup>1</sup>  
Carlos Alberto Povoá<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo sugere uma reflexão sobre o ser imigrante num país jovem e a busca da identidade nacional através da análise da obra de Clarice Lispector (Ucrânia- Brasil) e Lea Goldberg (Alemanha-Israel). Ambas as autoras, consideradas expoentes da literatura contemporânea brasileira e israelense, de origem judaica, imigrantes, mulheres, expressam em suas obras literárias de modo implícito e explícito a herança judaica, as raízes familiares ao lado de temas nacionais. Clarice e Goldberg enfrentaram desafios durante sua carreira, pois "lutavam" para serem reconhecidos como parte da nação, ambos os países na década de 30 e 40 do século XX passavam por um período de construção de uma identidade nacional e enfatizavam o uso da língua nacional português e hebraico. Ambas as escritoras, representam um geração que desejava pertencer ao seu país, escrevendo no idioma português e hebraico, porém por um lado, suas obras revelam suas raízes e a herança judaica.

**Palavras-chaves:** Lispector; Goldberg; imigrante; identidade; português; Hebraico; pertencer

**ABSTRACT:** *This article explores the question of how immigrant experiences in developing countries can assist us in understanding the formation of the national identity in those countries. This question shall be explored through the life and work of the writers Clarice Lispector (Ukraine-Brazil) and Lea Goldberg (Germany-Israel). Both authors are among the most well-known Brazilian and Israeli writers and their literature has reached a broad audience. Both authors were immigrant woman, which expressed in their literary work implicitly and explicitly a great devotion to their Jewish heritage and to their family roots. During their lifetime Lispector and Goldberg faced many challenges during their career, as they "struggled" to be recognized as part of the nation. In the fourth and fifth decade of the twentieth century, when both authors started their literary activity, Brazil and Israel*

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Latinos Americanos e História Judaica pela Hebrew University of Jerusalem - HUI e Professora de Português no Departamento de Estudos Multidisciplinares e no Departamento de Gestão de Turismo e Hotelaria na Ben Gurion University of the Negev / BGU – Israel.

<sup>2</sup> Pós Doutor em Geografia Humana (Imigrações Judaicas), USP/BGU – Israel; Professor no Departamento de Geografia - UFTM, Coordenador do LABEEC – Laboratório de Estudos sobre Espaço e Cultura, Coordenador do Grupo de Estudos Avançados Milton Santos - GEAMS e Tutor do NEPIT- Núcleo de Estudos e Pesquisas Israelita do Triângulo / UFTM. E-mail: carlos.povoaa@uftm.edu.br



went through a period of a construction of national identity. As part of this process newcomers were encouraged to give up their former language of birth and to adopt the new national language be it Portuguese in the Brazilian case or Hebrew in the Israeli. Both writers did not ignore the demands of their new society, nevertheless their works also revealed their roots and the Jewish heritage.

**Keywords:** Lispector; Goldberg; immigrant identity portuguese;. hebrew;

## Introdução

Este artigo sugere uma comparação entre as autoras Clarice Lispector e Lea Goldberg focalizando aspectos de suas biografias e literatura. Ambas as escritoras apresentam características em comum como o fato de serem mulheres imigrantes, judias e escreverem literatura durante a onda de nacionalismo que existia tanto no Brasil como em Israel.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 1920, sua família fugiu da Europa Oriental chegando ao Brasil em 1922 (Waldman 2013). Lea Goldberg nasceu na Alemanha em 1911 e mudou-se para Palestina em 1935. Ambas as autoras, consideradas expoentes da literatura contemporânea brasileira e israelense expressam em suas obras literárias de modo implícito e explícito a herança judaica, as raízes familiares ao lado de temas nacionais. Clarice e Goldberg enfrentaram desafios durante sua carreira, pois "lutavam" para serem reconhecidos como parte da nação, ambos os países na década de 30 e 40 do século XX passavam por um período de construção de uma identidade nacional.

Esta onda de nacionalismo influenciou diretamente as autoras. Este artigo pretende comparar as duas autoras e a relação com o judaísmo. Embora Clarice Lispector tenda a esconder seu passado e suas raízes enfatizando o contexto brasileiro, esforçando-se para pertencer a este lugar, pode-se encontrar em suas obras literárias referências judaicas que ela tanto tendia a esconder. Por exemplo, a personagem Macabéa no livro *A hora da Estrela* e o uso de palavra "mensch" referindo-se a seu pai, está presente em um de seus contos. Assim também, Lea Goldberg, nascida na Alemanha (1911) e imigrante em Tel Aviv (1935), questiona a necessidade de "apagar" seu passado e pertencer à nova cultura num país jovem que buscava sua identidade nacional.

Neste contexto histórico será abordada a contribuição das duas autoras, salientando o livro de Clarice Lispector *A hora da Estrela* (1977), onde Clarice escolhe como personagem principal a Macabéa referente aos Macabeus, um grupo de judeus na época do Império Selêucida. O romance *A hora da Estrela* inspirado na história dos Macabeus talvez seja o único romance onde o judaísmo é mencionado ainda que de forma implícita por Clarice (Waldman, 1998). O romance de Clarice será



comparado com o romance de Lea Goldberg seu primeiro livro lançado em hebraico quando já morava na Palestina *VE-Hu Há-or*, publicado pela Sifriat Poalimem 1946 e 1994, e Hakibbtz Hameuchad, em 2005 retraduzido ao inglês em 1946 *Andthisisthe light*.

Lea Goldberg publicou vários livros, poemas, livros infantis e livros traduzidos, ela é conhecida por sua vasta produção de livros infantis, qualquer criança no jardim de infância sabe repetir as frases do cachorrinho pluto, por exemplo. O livro *VE-Hu Há-oré* considerado uma quase autobiografia relatando a vida da família na Europa. Como, por exemplo (GOLDBERG, 2011, p. 90): “*We heard a Russian singer. He was wonderful, that singer, such a soft tenor. He sang balladsby Tchaikovsky ...*”.

Neste trecho Goldberg descreve a vida na Lituânia. O romance de Goldberg retrata a tensão entre a literatura cultural judaica e europeia representada por Nora a protagonista principal. Embora o livro *VE-Hu Há-or* foi escrito quando Goldberg já morava na Palestina, porém destaca a política de gênero da cultura judaica entre as guerras na Europa (SHACHTER, 2012).

Goldberg quando escreveu e publicou este livro na Palestina foi bastante criticada pelos intelectuais da região. A autora escreveu seu livro em hebraico a língua renovada pelo movimento sionista que representava a identidade sionista. Porém, a realidade relatada em seu livro identificada com a vida dos judeus na Europa, focalizando o debate sobre a literatura judaica na Europa era menos aceitável na então Palestina, onde prevaleciam os valores dos *chalutzim*, pessoas que trabalhavam na agricultura, incentivados pela ideologia sionista. Clarice e Goldberg, escritoras imigrantes, em suas obras mesclavam vivências familiares de seus países de origem.

## 1. Imigrantes e estrangeiras

Ambas as escritoras, representam uma geração de imigrantes que saíram da Europa Oriental, fazendo parte do fluxo migratório ocorrido nos fins do século XIX (Waldman, 1998). Clarice e sua família chegaram ao Brasil juntos com imigrantes brancos. No então Brasil, havia uma política de branqueamento e a partir dos 1937 com a implementação do Estado Novo começa a campanha do nacionalismo (BUENO, 2013).

Nesta época tanto no Brasil como na Palestina devido à onda de nacionalismo a língua nacional – português e hebraico – considerada um dos pilares da constituição de uma nação foi introduzida pelo governo brasileiro e pelo movimento sionista. Deste modo, a unificação da língua nacional tem dois objetivos principais, primeiro criar a imagem de um país uniforme e o outro e a delimitação de fronteiras entre a nação uniforme e o estrangeiro (BUENO, 2013).



Assim que língua significa nação e através dela poder-se-ia criar uma identidade nacional, neste caso o imigrante representava uma ameaça a nação. O imigrante, o Outro passa por distintos processos em relação à sociedade onde vive. Processos como assimilação, exclusão, adesão e segregação. O processo de assimilação e exclusão está baseado nos princípios de apagamento das diferenças que constituem o Outro, seja para valorizá-los ou ignorá-los. No processo de assimilação o Outro nega seus valores para integrar-se aos valores locais (BUENO, 2013).

Este processo de assimilação e o desejo de ser igual a todos marcam as obras de Clarice Lispector e Lea Goldberg. O desejo de pertencer ao seu país, escrevendo no idioma português e hebraico por um lado explicita nas obras *A hora da estrela* e *VE-Hu Há-or*. Porém, estas obras revelam a tensão deste processo de assimilação e suas raízes judaicas, a herança judaica e a bagagem cultural se mesclam em seus textos.

Clarice Lispector considerada uma escritora que aborda temas como feminismo, sexualidade, política em seus diversos livros e contos onde neles também aparecem motivos relacionados a traumas e doenças mentais (STRUCCHI, 2016). Fato que pode ser entendido se conhecemos seu passado, sua história familiar. O trauma que a família viveu antes de chegar ao Brasil, a vida na Europa, sob violência e ameaças (os pogroms) foi neste contexto que Clarice nasceu num pequena cidade de nome desconhecido, e também sua mãe estava doente, até acredita-se que a gravidez de Clarice foi para que ela se sentisse melhor (STRUCCHI, 2016). Este contexto histórico-social-familiar vai influenciar a Clarice quando esta escreve o livro *A hora da Estrela*.

Lea Goldberg nascida e criada na Europa Oriental, provinda de uma família estável economicamente onde apesar da adesão de seu país, a língua ídiche em sua casa falava russo. Aos 9 anos, Goldberg começou a estudar no colégio israelita “*Hagimnasia*”, não por motivos sionistas mas sim por comodidade de sua mãe que trabalhava na parte da manhã e desejava ficar com sua filha a tarde. Este por acaso influenciou a Goldberg que começou a aprender a língua hebraica. O primeiro ano de estudo não foi fácil para Goldberg, ela teve várias dificuldades sociais por não falar ídiche, assim que o hebraico tornou-se seu objetivo. Já então no segundo ano Goldberg escrevia seu primeiro diário em hebraico, adotando também o sionismo e uma identidade judaica relacionada ao novo movimento (BASSUK, 2007)

E como no Brasil de Clarice, Goldberg "lutava" para ser aceita como Tzabar (israelense, nascida na Palestina\Israel) vivendo esta constante tensão entre seu passado europeu e seu presente sionista. Assim que, seu livro *VE-Hu Há-or* escrito em hebraico após seu estabelecimento na Palestina foi severamente criticado por intelectuais locais. As críticas enfocaram o fato de o livro relatar uma



realidade que “não existia” no contexto da Palestina. Goldberg pode ser categorizada como uma escritora judia imigrante, fugitiva que buscava atingir um público diverso que se identificava com suas experiências (SCHACHTER, 2012). Em seu livro *VE-Hu Há-or*, Goldberg relata a história de Nora a protagonista do livro. O romance aponta a tensão entre ser judeu na Europa Oriental antes da ascensão do nazismo, Goldberg escreve e publica este livro em hebraico na condição de imigrante na Palestina. Fato que gerou críticas por parte da comunidade literária europeia e da comunidade de intelectuais na Palestina.

Diferente de Clarice, Goldberg escrevia explicitamente sobre a tensão entre a comunidade judaica na Europa e a realidade na Palestina. *VE-Hu Há-or* pode ser considerado uma autobiografia da autora, elementos como o trem que aparece em seu romance podem ser interpretados como o símbolo da modernidade, processo pelo qual estava passando a Europa na qual havia vivido Goldberg (SHACHTER, 2012).

## 2. Elementos Judaicos na literatura de Clarice Lispector

Clarice Lispector era de origem judaica que chegou ao Brasil junto com sua família por meio das “cartas de chamadas”. Isto se deu devido a intervenção de seus familiares que já residiam no Brasil e lhes enviaram um convite para serem aceitos no Brasil. Clarice chegou ao Brasília aproximadamente em 1921, quando tinha dois anos. Em entrevistas, Clarice sempre dizia (WALDMAN, 1998:97) esta frase sempre estará presente no modo de ser de Clarice: “*Nasci na Rússia, mas não sou russa não.*”

O pai de Clarice era uma pessoa culta que lia e falava a língua ídiche, junto com as irmãs de Clarice costumavam comemorar algumas festas judaicas e como outros imigrantes, dedicava-se ao comércio.

O livro *A hora da estrela*, segundo Waldman, pode ser considerado o livro de Clarice que mais se aproxima ao judaísmo e a condição de Clarice de imigrante. O livro relata a história de Macabéa, uma mulher que mudou-se de Alagoas para o Rio de Janeiro com o objetivo de sentir-se incluída na sociedade local.

O livro *A hora da estrela* foi analisado e interpretado de vários pontos de vista, agora o analiso do ponto de vista histórico e como Clarice lida com sua identidade judaica. Além de Macabéa a principal personagem do livro referir-se a uma imigrante nordestina assim como Clarice que chegou ao Brasil junto com sua família e instalaram-se em Maceió, depois mudaram-se para Recife e após a



morte de sua mãe, junto com seu pai e irmãs foram ao Rio de Janeiro, Macabéa também sai do Nordeste e vai morar no Rio, para tentar uma vida melhor (WALDMAN,1998).

Assim que, segundo Struchi (2016, p. 128)

Macabéa vem dar voz ao trauma familiar e ao processo de imigração que Lispector tanto tendia a esconder, a camuflar. Ela mesma dizia: A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida é mais verdadeira e irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique.

Existem pesquisas e discussões literárias sobre o personagem Macabea. Alguns acreditam que a autora deu ao personagem a voz para nos relatar a realidade brasileira, as diferenças sociais, os opressores e os oprimidos ademais de fortificar o papel dos escritores brasileiros daquela época que desejavam através de sua literatura causar um impacto na sociedade brasileira tão desigual (Struchi, 2016).

Outro pesquisador aborda que o livro *A hora da estrela* como uma referência a temas cosmológicos e a Cabala. Segundo Alencar (2011, p. 03):

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida". O tema da vida nessa perspectiva, portanto, vem relacionar-se com a palavra, assim como para os cabalistas, que a incluem na contingente narrativa da Criação.

Apesar das interpretações judaicas concedidas a este livro, pesquisadores acreditam que a obra de Clarice é caracterizada por elementos relacionados à identidade nacional. Embora na ficção de Clarice estivesse ambientada no espaço urbano não resulta claro que está ligada às temáticas relacionadas à identidade nacional. Porém, após a leitura de seus contos, romances e crônicas nota-se que retrata uma fase importante do desenvolvimento da sociedade brasileira na segunda metade do século XX e que incide sobre os debates relacionado a identidade nacional.(MEDEIROS, 2011).

Para Medeiros (2011, p. 93)

A hora da estrela é representação da sociedade brasileira, a transição da área rural a área urbana. A obra traz a trajetória da nordestina Macabéa em sua estada na cidade do Rio de Janeiro, onde ela namora o igualmente nordestino Olímpico que, oriundo da Paraíba, aprende as regras básicas para sobreviver na cidade grande.

Assim que podemos interpretar *A hora da estrela* de diversas formas buscando raízes judaicas-cabalistas, origens familiares e processos sociais no Brasil, sendo todas as interpretações relevantes onde às histórias misturam-se entre si.



### 3. Lea Goldberg e a literatura em hebraico

Já, Goldberg em seu primeiro livro em hebraico “*VE-Hu Há-or*”, ao contrário de Clarice aborda temas sobre sua vida na Europa, a vida familiar, a realidade dos judeus na Rússia e na Alemanha onde viveu com sua família antes de chegar a Palestina em 1935. Apesar de Goldberg ter estudado no Colégio “*Hagimanasia Hahivrit*” onde estudou hebraico e adotou a ideologia sionista ao lançar seu livro foi severamente criticada.

Ambas as escritoras retratavam a tensão do processo de assimilação no novo lar, Clarice e Goldberg escreviam na língua nacional, meio de inclusão dos imigrantes. Apesar dos esforços de ambas as autoras, a meu ver, a sociedade local mirava-as como o Outro. Clarice que tinha a língua presa e dificuldades de pronunciar a língua “r” era muitas vezes criticada e considerada estrangeira. Apesar de ser estrangeira não conhecia a língua russa e constantemente afirmava que era brasileiro ponto e pronto.

Por outro lado, Goldberg, expressava sua identidade judaica através da língua, para ela era muito importante escrever em hebraico. Em seu diário publicado em 2005 encontramos uma carta escrita por Lea Goldberg aonde em 1926 ela escrevia (AHARONI, 2005, p. 23): “Quero ser escritora... este é o meu único objetivo, porém senão escrever em hebraico não escreverei nunca”.

Goldberg desde muito jovem, ainda na Europa, recebeu educação judaica e sentia-se como protagonista da história, aprender hebraico, escrever em hebraico e viver na Palestina era para ela sua missão.

Em suas cartas da década de 20, Goldberg descreve sua vida na cidade de Kovno onde estudava no Colégio “*Hagimanasia Hahivrit*”, ela relata suas dificuldades na escola, a vida em casa onde seus pais trabalhavam muito e tinham dificuldades.

Lá, Goldberg teve a oportunidade de conhecer alguns atores do teatro *Habima* (um grupo de atores de teatro hebreu) que encontravam-se na Rússia e ela logo entusiasmou-se com o fato deles falarem hebraico o que fortaleceu sua vontade de viver na Palestina (AHARONI, 2005).

### 4. Escritoras e suas raízes



Tanto Clarice como Goldberg relatam apesar de que de formas diferentes, o trauma de seu contexto histórico, o período de transição, onde algumas profissões desapareceram e o sustento ficava cada vez mais difícil, surgindo assim violência e a necessidade de buscar outras oportunidades.

Um dos pontos em comum entre as duas autoras e a questão da imigração e da vontade de pertencer a seu país de destino. E surge a questão da nacionalidade e integração temas presentes na vida pessoal de Clarice e Goldberg e que também tem representação nos seus personagens e contos.

Neste contexto as duas escritoras buscam “pertencer” a sua nova “casa”. E como elas demonstram isto? Para Clarice escrever e usar a linguagem era o mais importante.

O personagem Macabéa é um personagem descrito como incapaz de usar a língua corretamente e é visto como algo negativo além de permitir uma integração gradual na sociedade brasileira. Porém o fato de Macabéa não falar a língua corretamente a permitiu conservar sua autenticidade. Por um lado, Macabéa é incapaz de comunicar-se na sua língua e expressar seus sentimentos, (STRUCHI, 2016).

Do meu ponto de vista, Clarice nos relata os desafios dos imigrantes, o aprendizado de um novo idioma e a capacidade de se expressar nele. Talvez seja uma crítica a sua própria condição de imigrante já que Clarice recebeu a cidadania brasileira somente antes de seu casamento antes de mudar-se para o exterior. Por outro lado, o personagem Olímpico reconhece a importância da língua e das palavras para integrar-se na sociedade (STRUCHI, 2016)

A diferença entre Macabéa e Olímpico pode ser também interpretada como a diferença entre a vida no campo e a vida na cidade, onde as palavras e a expressão oral e escrita eram mais importantes. Fato que pode estar diretamente ligado a integração dos imigrantes no Brasil.

Os nomes, Olímpico e Macabéa sugerem um conflito inconsciente de Clarice, um conflito entre o fato de se imigrante e o desejo de ser reconhecida como brasileira de corpo e alma. Macabéa era um nome estranho naquela época e na sociedade brasileira.

E, se me permite, qual e mesmo sua graça? Macabéa. Maca, o que? Bea foi ela obrigada a completar. Me desculpe, mas até parece doença, doença de pele. Eu também acho esquisito mas minha mãe me botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, ate um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca se chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo. (LISPECTOR, 1990, p. 43)

Por outro lado, Lea Goldberg, deseja pertencer a sociedade *halutziana*, mas não conseguia desprender-se de sua bagagem cultural e social e muitas vezes foi criticada por isto. Em seu diário, em 1937 ela escreve (AHARONI, 2005, p. 227)



fui convidada para dar uma palestra no Seminário do *Kibutz Hameuchad*, ofereci falar sobre Dosdoivsky eles não aceitaram. Gorki ou Tolstoy também não aceitaram queriam algo que fazia parte do movimento.

## 5. Considerações finais

As duas autoras Clarice Lispector e Lea Goldberg ambas imigrantes retratam a relação existente entre suas origens e vivencias pessoal e a tensão que gera em sua literatura, embora seja expressa de modo diferente pelas autoras.

Clarice prefere silenciar seu passado judaico e seu status de imigrante. Inclusive numa entrevista um ano antes de morrer, Clarice afirmava a um jornalista (WALDMAN, 1998, p.97):

Eu sou judia, você sabe, embora não acredite que o povo judeu seja o povo eleito por Deus. (...) Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto.

Assim que Clarice aborda temas diversos relacionados à condição da mulher, a realidade social-política do Brasil. Mas seu personagem Macabéa nos conta sobre seu conflito interno, sobre sua origem e a dor da imigração.

Paralelamente, a escritora Lea Goldberg também uma escritora revolucionaria de seu tempo aborda temas como poesias, novelas, literatura infantil e também era tradutora. Seu primeiro livro lançado em hebraico quando já morava na Palestina chama-se *VE-Hu Há-or*, *Andthisisthe light* em inglês. Neste livro Goldberg foi criticada por muitos dos intelectuais sionistas que afirmavam que ela não pertencia a realidade *chalutziana*, quer dizer seu livro e sua história abordavam fatos de um passado ,que não tinha espaço a nova realidade da Palestina. Onde o homem do campo, o agricultor, os denominados *chalutzim* eram aqueles que vieram para construir o país. Eles eram considerados os representantes do espaço, os protagonistas da atual história e sobre eles deveriam escrever, descrever e relatar.

Apesar de ambas as escritoras contemporâneas viveram em países diferentes, Brasil e Israel, e carregarem uma bagagem familiar, emocional, cultural europeia, e tinham o desejo de pertencer ao novo país. Brasil e Israel lhe deram uma nova oportunidade, uma oportunidade de desenvolver-se segundo novas realidades, novos valores sociais e culturais. Por um lado, o Brasil de Clarice a recebeu como filha de imigrantes e também ela era considera imigrante. Por outro lado, Goldberg enfrentou muitas críticas, seu passado dolorido, sua educação judaica europeia não tinha valor na Palestina, o



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



lugar que ela tanto queria viver. Mesmo com estes desafios, ambas as autoras lutaram para serem reconhecidas como parte desta nova sociedade que elas pertenciam, deixando sua marca na sociedade.

Apesar das críticas, Clarice sempre dizia que era brasileira, que não falava russo e tinha problema de língua presa por isto a dificuldade de falar a letra “r”. Por outro lado, Goldberg admitia que escrevia em hebraico e com erros e não permitia que a corrigissem porque para ela era importante mostrar aos seus leitores o processo de aprendizagem da língua hebraica, o seu desenvolvimento como escritora na sociedade israelense.

Ambas as autoras representam a tensão existente entre a vida real e a literatura, processos históricos como fluxo migratório, fortalecimento do nacionalismo e integração dos imigrantes através da língua local. Fatores estes que caracterizam as obras de Clarice Lispector e Lea Goldberg.

## Bibliografia

AHARONI, Rachel; ARIEL, Lea. *Goldberg's diaries*. BneiBarak Ed. Poalim, 2005.

ALENCAR, Katya Queiroz. Referentes judaicos em *A hora da estrela*: uma visada cabalística. Minas Gerais *Arquivo Maariv*, V.5 n°8.,2011.

BUENO, Alexandre Marcelo. Língua, imigração e identidade nacional: análise de um discurso a respeito da imigração no Brasil da Era Vargas, São Paulo *Estudos semióticos* V.9 n°2, 2013.

GOLDBERG, Lea *And this is the light*. United States Ed. The Toby Press LLC, 2011.

LISPECTOR, Clarice *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1990.

MEDEIROS, Vera Lúcia Cardoso. Contribuições da literatura brasileira contemporânea ao “livro de registro da cidade” *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 49,2011.

SHACHTER, Allison *Diasporic Modernisms Hebrew and Yidish Literature in the Twentieth Century*. New York Oxford University Press, Inc, 2012.



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



STRUCHI, Emilce *Vivir duele : Clarice Lispector una mirada desde la ciencia actual*. Buenos Aires, EdicionesGodot, 2016.

WALDMAN, Berta. O estrangeiro em Clarice Lispector. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Año 24, no. 47, 1998: 95-104.